

JAVIER MARÍAS

Assim começa o mal

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Javier Marías

Edição original, Alfaguara (Santillana Ediciones Generales, S. L.), Madri, 2014
(Casanovas & Lynch Agência Literária S. L.)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Así empieza lo malo

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

© 2010 Tamara Art Heritage/ Licenciado por
AUTVIS, Brasil, 2015. Heritage/ Keystone Brasil

Preparação

Raquel Toledo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marías, Javier

Assim começa o mal / Javier Marías ; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Así empieza lo malo.

ISBN 978-85-359-2636-1

1. Ficção espanhola I. Título.

15-07276

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura espanhola 863

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Não faz muito tempo que aquela história aconteceu — menos do que costuma durar uma vida, e quão pouco é uma vida quando ela já está terminada e já se pode contá-la em poucas frases e só ficam na memória cinzas que se soltam à menor sacudida e voam à menor lufada —, e no entanto hoje ela seria impossível. Refiro-me sobretudo ao que aconteceu com eles, com Eduardo Muriel e sua mulher, Beatriz Noguera, quando eram jovens, e não tanto ao que aconteceu comigo e com eles quando eu era jovem e o casamento deles uma longa e indissolúvel desdita. Este último, sim, continuaria sendo possível: o que aconteceu comigo, já que também agora acontece, ou talvez seja a mesma coisa que não termina. E igualmente poderia ser, acredito, o que aconteceu com Van Vechten e outros fatos daquela época. Deve ter havido Van Vechtens em todos os tempos e não cessarão e continuarão existindo, a índole dos personagens não muda nunca, ou assim parece, os da realidade e os da ficção, sua gêmea, se repetem ao longo dos séculos como se as duas esferas carecessem de imaginação ou não tivessem escapatória (ambas

obra dos vivos, afinal de contas, talvez entre os mortos haja mais inventividade), às vezes dá a sensação de desfrutarmos um só espetáculo e um só relato, como as crianças pequeninas. Com suas infinitas variantes, que os disfarçam de antiquados ou novos, mas que são na essência sempre os mesmos. Também deve ter existido, portanto, Eduardos Muriel e Beatrizes Nogueira em todos os tempos, para não falarmos nos comparsas; e Juanes de Vere aos montes, assim me chamava e assim me chamo, Juan Vere ou Juan de Vere, conforme quem diga ou pense meu nome. Minha figura não tem nada de original.

Na época ainda não existia divórcio, muito menos se podia esperar que viesse a existir um dia quando Muriel e sua mulher se casaram, uns vinte anos antes de eu me imiscuir em suas vidas, ou melhor, foram eles que atravessaram a minha, apenas a de um principiante, como se diz. Mas desde o momento em que você está no mundo começam a lhe acontecer coisas. Sua frágil roda incorpora você com ceticismo e tédio e o arrasta sem a menor vontade, pois é velha e triturou muitas vidas sem pressa à luz da sua vigia folgazã; a lua fria que cochila e observa com uma só pálpebra entreaberta conhece as histórias antes mesmo de acontecerem. E basta prestar atenção em alguém — ou lhe lançar um olhar indolente —, e esse alguém não poderá mais escapar, mesmo que se esconda e permaneça quieto e calado e não tome iniciativas nem faça nada. Mesmo que ele queira se escafeder, já o terão visto, como um vulto distante no oceano, que não se pode ignorar, do qual é preciso se esquivar ou se aproximar; ele conta para os outros, e os outros contam com ele, até que desaparece. Também não foi essa minha circunstância, afinal. Não fui nem um pouco passivo, nem fingi ser uma miragem, não tentei me fazer invisível.

Sempre me perguntei como é que as pessoas se atreviam a contrair matrimônio — e se atreveram séculos a fio — quando isso tinha um caráter definitivo; em especial as mulheres, para as

quais era mais difícil encontrar desafogos ou tinham de se esmerar o dobro ou o triplo para ocultá-los, o quántuplo se voltavam desses desafogos com um novo ser, e então tinham de mascará-lo antes mesmo que se configurasse nele um rosto e pudesse trazê-lo à terra: desde o instante da sua concepção, ou da sua detecção, ou do seu pressentimento — não vamos dizer desde o seu anúncio —, e transformado em impostor durante sua existência inteira, muitas vezes sem que ele jamais soubesse da sua impostura ou da sua procedência bastarda, nem mesmo quando era um velho e estava a ponto de não ser mais detectado por ninguém. É incontável o número de criaturas que tomaram por pai quem não era o seu, e por irmãos quem o era pela metade, e foram para a tumba com a crença e o erro intactos, ou é o engano a que as submeteram as impávidas mães desde o nascimento. Ao contrário das doenças e das dívidas — as outras duas coisas que em espanhol mais se “contraem”, as três compartilham o verbo como se todas fossem mau prognóstico ou mau agouro, ou em todo caso trabalhosas —, para o casamento era certo que não havia cura nem remédio nem saldo. Ou só os trazia a morte de um dos cônjuges, às vezes longamente ansiada em silêncio e menos vezes procurada ou induzida ou buscada, em geral ainda mais em silêncio, ou seria, melhor dizendo, em indizível segredo. Ou a morte dos dois, claro, e então já não havia mais nada, só os ignorantes filhos que tiveram, se havia e sobreviviam, e uma breve recordação. Ou talvez uma história, ocasionalmente. Uma história sutil e quase nunca contada, como não se costuma contar as histórias da vida íntima — tantas mães impávidas até o último alento, e também tantas não mães —; ou talvez sim, mas em sussurros, para que não sejam por completo como se não tivessem sido, nem fiquem no mudo travesseiro no qual, em prantos, afundou o rosto, nem tão só à vista do sonolento olho entreaberto da lua sentinela e fria.

Eduardo Muriel tinha um bigode fino, como se o tivesse deixado crescer quando o ator Errol Flynn era uma referência e depois tivesse esquecido de mudá-lo ou espessá-lo, um desses homens de hábitos fixos no que diz respeito a seu aspecto, dos que não se dão conta de que o tempo passa e as modas mudam nem de que estão envelhecendo — é como se isso não lhes dissesse respeito e o descartassem, e se sentissem a salvo do transcurso —, e até certo ponto têm razão de não se preocupar nem dar importância: por não condizer com a sua idade, a mantêm sob controle; não cedendo a ela no aspecto externo, acabam por não assumi-la, e assim os anos, temerosos — se avalentam com quase todo mundo —, os rondam e rodeiam, mas não se atrevem a se apossar deles, não se assentam em seu espírito e tampouco invadem sua aparência, sobre a qual vão apenas lançando um lentíssimo granizo ou penumbra. Era alto, bem mais que a média de seus companheiros de geração, a seguinte à de meu pai, se é que não a mesma, ainda. Era forte e estilizado por isso ao primeiro olhar, embora sua figura não fosse ortodoxamente viril:

era um tanto estreito de ombros para a sua estatura, o que fazia parecer que o abdome se alargava apesar de não ter nenhuma gordura nessa zona nem inconvenientes cadeiras protuberantes, e dali surgiam umas pernas compridas que ele não sabia onde colocar quando estava sentado: cruzava-as (e era o que preferia fazer com elas, entre tudo), o pé da que ficava em cima alcançava o chão naturalmente, o que algumas mulheres orgulhosas de suas panturrilhas — não desejam mostrar uma pendente, nem engrossada ou deformada pelo joelho que a sustenta — conseguem mediante artificialidade e escorço, e com ajuda de seus saltos altos. Por essa estreiteza dos ombros, Muriel costumava usar paletó com ombreiras bem disfarçadas, acho, ou então o alfaiate as confeccionava com ligeira forma de trapézio invertido (ainda nos anos 70 e 80 do século passado ia ao alfaiate ou o recebia em sua casa, quando isso já era incomum). Tinha um nariz bem reto, sem sombra de curvatura apesar de seu bom tamanho, e no cabelo denso, penteado com água e repartido, como certamente sua mãe o penteara desde criança — e ele não via razão para infringir aquele antigo ditame —, brilhavam alguns fios brancos dispersos pelo castanho-escuro dominante. O bigode fino pouco atenuava o espontâneo e luminoso e juvenil do seu sorriso. Esforçava-se para refreá-lo ou guardá-lo, mas com frequência não conseguia. Havia um fundo de jovialidade em seu caráter, ou um passado que emergia sem que tivesse de lançar a sonda em grandes profundidades. Não obstante, também não o convocava em águas muito superficiais: nelas flutuava certa amargura imposta ou deliberada, da qual não devia se sentir causador, mas, no máximo, vítima.

Porém o que mais chamava a atenção de quem o via pela primeira vez ao vivo ou numa foto frontal na imprensa, muito escassas, era o tapa-olho que exibia em sua vista direita, uma venda de caolho das mais clássicas, teatrais ou até cinematográ-

ficas, negra e avultada e bem cingida por um elástico fino da mesma cor que cruzava em diagonal a sua testa, e se ajustava sob o lóbulo da orelha esquerda. Sempre me perguntei por que esses tapa-olhos têm curvatura, não os que se limitam a tapar, de pano, mas os que ficam inamovíveis e como que encaixados e são de não sei que material rígido e compacto. (Parecia baquelite, e dava vontade de tamborilar nele com o rosado das unhas para saber como era o tato, o que nunca ousei averiguar com o do meu empregador, lógico; soube em compensação, isso sim, como soava, pois às vezes, quando estava nervoso ou se irritava, e também quando parava para pensar antes de soltar uma frase ou uma fala, com o polegar sob a axila como se fosse o diminuto bastão de um militar ou de um cavaleiro passando em revista suas tropas ou suas cavalgadas, Muriel fazia exatamente isso, tamborilava no tapa-olho duro com o branco ou com o filete das unhas da mão livre, como se invocasse em seu auxílio o globo ocular inexistente ou que não servia, devia gostar do som, e de fato era agradável, cric-cric-cric; no entanto, dava um certo arrepio vê-lo chamar assim por seu olho ausente, até você se acostumar com esse gesto.) Talvez aquele volume buscasse produzir a impressão de que debaixo há um olho, embora talvez não haja, e sim uma órbita vazia, um oco, uma fundura, um afundamento. Talvez esses tapa-olhos sejam convexos precisamente para desmentir a concavidade horrenda que ocultam em alguns casos; quem sabe não estão recheados com uma esfera acabada de vidro brando ou de mármore, com sua pupila e sua íris pintados com realismo ocioso, perfeitos, que nunca hão de se ver, envolta em negro, ou que só seu dono verá, terminado o dia, ao destapá-la cansado diante do espelho, e quem sabe tirá-la.

E se isso inevitavelmente chamava a atenção, não atraía menos o olho útil e descoberto, o esquerdo, de um azul escuro e intenso, como de mar vespertino ou quase já anoitecido, e que,

por ser somente um, parecia captar tudo e se dar conta de tudo, como se houvessem concentrado nele as capacidades próprias e as do outro, invisível e cego, ou como se a natureza quisesse compensar isso com um suplemento de penetração pela perda do seu par. Tantas eram a força e a rapidez desse olho que eu, gradativa e dissimuladamente, tentava me situar às vezes fora do seu alcance para que não me ferisse com seu olhar agudo, até Muriel me admoestar: “Fique um pouco à direita, aí você quase sai do meu campo de visão e me obriga a me contorcer, lembre-se que ele é mais limitado que o seu”. E a princípio, quando minha vista não sabia onde pousar, minha atenção dividida entre o olho vivo e marítimo e o tapa-olho morto e magnético, não via inconveniente em me chamar a atenção: “Juan, estou te falando com o olho que enxerga, não com o defunto, de modo que faça o favor de me ouvir e não se distraia com o que não solta palavra”. Muriel fazia aberta referência à sua visão dividida, ao contrário dos que estendem um incômodo véu de silêncio sobre qualquer defeito ou deficiência que possua, por mais visíveis e grandiosos que sejam: há manetas desde a altura do ombro que nunca reconhecem as dificuldades impostas pela manifesta falta de um membro e quase pretendem jogar malabares; pernetas que empreendem com uma muleta a escalada do Annapurna; cegos que continuamente vão ao cinema e criam alvoroço nos trechos sem diálogos, nos mais visuais, queixando-se de que está fora de foco; inválidos em cadeiras de rodas que fingem desconhecer esse veículo e se empenham em subir degraus desdenhando as numerosas rampas que lhes oferecem hoje em toda parte; carecas sem um fio de cabelo que fazem gestos de estarem se despenteando brutalmente, a imaginária cabeleira se endemoninhando, quando começa uma ventania. (Isso é com eles, são livres, não pretendo criticá-los.)

Mas da primeira vez que lhe perguntei o que havia aconte-

cido, como o olho calado havia emudecido, me respondeu, cortante como era certas vezes com a gente que o impacientava e raramente comigo, a quem costumava tratar com benevolência e afeto: “Vamos ver se nos entendemos: não tenho você aqui para que me faça perguntas sobre questões que não lhe dizem respeito”.

Nesse princípio não era muito o que me dizia respeito, se bem que isso logo tenha mudado, basta ter alguém disponível, à mão, à espera, para lhe ir confiando ou criando tarefas; e “aqui” significava na casa dele, de modo que após certo tempo passou a equivaler vagamente a “do meu lado”, quando tive de acompanhá-lo em uma ou outra viagem, ou visitá-lo num set, ou quando decidi me incluir em jantares e carteados entre amigos, mais para fazer número do que outra coisa, creio, e para ele ter uma testemunha admirativa a mais. Quando estava em uma maré mais sociável, o que por sorte não era raro — ou haveria que dizer menos melancólica ou mesmo misantrópicas, ia com regularidade de um extremo a outro, como se seu ânimo vivesse num balanço geralmente pausado que às vezes se acelerava de repente diante da mulher, por causas que não me explicava e deviam ser muito distantes —, gostava de ter público e ser ouvido, ou mesmo que o incentivassem um pouco.

Em sua casa era frequente, quando nos reuníamos de manhã para que me desse instruções se houvesse e, se não, para que

discursasse um instante, encontrá-lo caído de barriga para cima no chão da sala ou do estúdio adjacente (as duas peças separadas por uma porta de folhas corrediças que quase sempre estavam abertas, logo as peças permaneciam unidas de fato, formando um espaço amplo e único). Talvez optasse por isso tendo em vista suas dificuldades para posicionar as pernas sentado e se sentia mais à vontade assim, de comprido sem impedimentos nem limites, tanto no tapete do salão como no assoalho de tábua corrida do escritório. Claro que quando deitava no chão não vestia seus paletós, que muito se amarrotariam, mas camisa com colete ou suéter de gola em v por cima e, isso sim, sempre gravata, na sua idade devia lhe parecer imprescindível essa peça, pelo menos estando na cidade, apesar de, naqueles anos, as normas indumentárias já terem ido pelos ares. Da primeira vez que o vi desse modo — estirado como uma cortesã oitocentista ou como um atropelado contemporâneo — foi uma surpresa e me alarmei, acreditando que tivesse sofrido um AVC ou que houvesse desmaiado, ou tropeçado, caído e não conseguisse se levantar.

— O que foi, d. Eduardo? Sente-se mal? Quer que o ajude? Escorregou? — Me aproximei solícito, as mãos estendidas para levantá-lo. Depois de um leve esforço (ele insistia para que eu o tratasse de você), tínhamos combinado que eu o trataria de senhor sem o “dom” antes, mas me custava muito não o antepor, saía naturalmente e me escapava.

— Que besteira — me respondeu do chão, sem esboçar a menor intenção de se endireitar nem se envergonhar com a minha presença; olhou para as minhas mãos salvadoras como se fossem duas moscas que esvoaçavam e o perturbavam. — Não vê que estou fumando tranquilo? Eia! — E brandiu no alto, diante de mim, um cachimbo bem agarrado pelo forninho. Fumava principalmente cigarro, e esses só fora de casa, mas nela os alternava com cachimbo, como se quisesse completar um quadro que

de resto poucos de nós víamos (tampouco o exibia nas festas ocasionais que dava, a maioria improvisadas), devia querer completá-lo para si mesmo: tapa-olho, cachimbo, bigode fino, colete às vezes, era como se, inconscientemente, tivesse ficado colado à imagem dos galãs de sua infância e adolescência, nos anos 30 e 40, não só à de Errol Flynn (por antonomásia e com quem compartilhava o sorriso fulgente), mas à de atores muito mais nebulosos, como Ronald Colman, Robert Donat, Basil Rathbone — e mesmo David Niven e Robert Taylor, que duraram mais tempo —, tinha um ar de todos eles, apesar de entre si serem diferentes. E, como era espanhol, em certos momentos recordava os mais morenos, embora mais diferenciados e exóticos Gilbert Roland e César Romero, principalmente o primeiro, cujo nariz era grande e sem curva, como o seu.

— E o que faz estirado no chão, se é que posso saber? Não é que o reprove, Deus me livre, mas fiquei curioso. Só quero entender seus costumes. Caso isso seja um costume.

Fez um resignado gesto de impaciência, como se minha estranheza lhe fosse sabida e já tivesse dado as mesmas explicações anteriormente a outros.

— Não é nada demais. Faço isso sempre. Não há nada a ser compreendido e, sim, é um costume meu. Será que a gente não pode ficar estirado sem ter acontecido nada, só por gosto? E por conveniência.

— Claro que sim, d. Eduardo, só faltava essa, o senhor pode fazer equilibristas se lhe der na veneta. Até com pratos chineses. — Enfiei esse comentário com aleivosia, para deixar claro que sua postura não era tão normal quanto ele pretendia, não num homem maduro, e pai de família ainda por cima, pois andar pelo chão é próprio de crianças e nenéns, e ele tinha três em casa. Também não tinha certeza de que aquilo que me veio à mente se chamava pratos chineses, giram vários ao mesmo tempo

na ponta de diversas varas flexíveis, compridas e finas, cada uma apoiada na polpa de um dedo, creio, não tenho a menor ideia de como se consegue nem com que propósito. Deve ter me entendido, em todo caso. — Mas o senhor tem aqui dois sofás — acrescentei, e aponte para trás, para o salão, ele estava caído no escritório. — Não teria me alarmado nem um pouco se o encontrasse num deles, inclusive dormindo ou em transe. Mas no chão, com toda a poeira... Não é o que se espera, desculpe.

— Em transe? Eu, em transe? Como em transe? — Isso parece tê-lo ofendido, mas lhe despontou meio sorriso, como se também houvesse achado graça.

— É, bem, era uma forma de falar. Matutando. Em meditação. Ou hipnotizado.

— Eu, hipnotizado? Por quem? Como hipnotizado? — E agora não pôde reprimir um fugaz sorriso aberto. — Quer dizer auto-hipnotizado? Eu, a mim mesmo? De manhã? *À quoi bon?* — arrematou em francês, não eram raras as breves incursões nessa língua entre os membros instruídos da sua geração e das precedentes, a segunda que haviam aprendido, em geral. Sim, desde bem cedo me dei conta de que as minhas gozações não eram mal recebidas, quase nunca ele as cortava de pronto, mas tendia a acompanhá-las um pouco, se não se demorava mais não era por falta de vontade, mas só para que eu não tomasse liberdades muito rapidamente com ele, uma cautela desnecessária, eu o admirava e respeitava demais. Parou depois do francesismo. Levantou o cachimbo úmido de novo para dar ênfase às suas palavras: — O chão é o lugar mais estável, firme e modesto que existe, com melhor perspectiva do céu ou do teto e onde melhor se pensa. E neste não há sinal de poeira — pontuou. — Acostume-se a me ver aqui, porque daqui não se pode ir mais para baixo, o que é uma vantagem na hora de tomar decisões, deveríamos tomá-las a partir das piores hipóteses, se é que não do desespero e sua

acompanhante habitual, a vileza, assim não amoleceríamos nem reconheceríamos um equívoco. Não se preocupe e sente-se, vou te ditar uma coisa ou duas. E deixe de lado de uma vez por todas o “dom”, não é a primeira vez que digo. “D. Eduardo” — imitou minha voz, e era um grande imitador — me envelhece e me soa a Galdós, que não suporto com duas exceções, e isso numa obra tão abusiva o converte num déspota. Vamos, anote.

— Vai me ditar daí? Daí de baixo?

— Sim, daqui, qual o problema? Por acaso minha voz não chega até você? Não me diga que tenho de te levar ao otorrino, seria um péssimo indício na sua idade. Quantos anos acha que tem? Quinze? — Também era dado a gozações e ao exagero.

— Vinte e três. Sim, claro que sua voz chega até mim. É potente e viril, como o senhor sabe. — Eu não as iniciava apenas: toda vez que Muriel me fazia uma piada, eu a devolvia, ou pelo menos lhe respondia no mesmo tom de troça. Tornou a sorrir sem querer, mais com o olho do que com os lábios. — Mas não verei o seu rosto se eu me sentar no meu lugar. Ficarei de costas para o senhor, uma descortesia, não? — Eu costumava ocupar uma poltrona em frente à dele quando despachávamos, com sua mesa de trabalho setecentista de permeio, e ele estava estendido perto do limiar do salão, mais além dessa minha poltrona.

— Pois vire a poltrona, coloque-a voltada para mim. Grande coisa, que problema! Nem se estivesse aparafusada no chão.

Ele tinha razão, assim fiz. Agora ele ficava literalmente a meus pés, em sentido perpendicular a eles; como composição era excêntrica, o chefe horizontal no chão e o secretário — ou o que quer que eu fosse — a um palmo de lhe dar um pontapé ao menor movimento involuntário e brusco ou mal medido de suas pernas, nas costelas ou nos quadris. Me preparei para escrever na minha caderneta (depois passava as cartas numa máquina velha

que ele tinha me emprestado, ainda funcionava bem, e lhe dava para rever e assinar).

Mas Muriel não começou de imediato. Sua expressão de pouco antes, mais para o afável, dissimuladamente risonha, havia sido substituída por uma de abstração ou de elucidação, ou por uma dessas coisas pesadas que você vai adiando porque não deseja enfrentá-las nem mergulhar nelas e que, portanto, sempre voltam, recorrentes e, a cada investida, são mais profundas por não terem desaparecido durante o período em que você as manteve sob controle ou afastadas do pensamento, mas porque, por assim dizer, cresceram em ausência e não pararam de espreitar o ânimo, sub-reptícia ou subterraneamente, como se fossem o preâmbulo de um abandono amoroso que você acabará consumando, mas que ainda não consegue sequer imaginar: essas ondas de frieza e irritação e saciedade dirigidas a um ser muito querido que vêm, se entretêm um pouco e se vão, e toda vez que se vão você deseja crer que sua visita foi uma fantasmagoria — produto do mal-estar consigo mesmo, ou de um descontentamento geral, ou mesmo das contrariedades ou do calor — e que não voltarão mais. Só para descobrir na próxima vez que cada nova onda é mais pegajosa e traz consigo uma duração maior e envenena e abruma o espírito e o faz duvidar e se amaldiçoar um pouco mais. Demora a se perfilar esse sentimento de desafeição, e ainda mais a se formular na mente (“Acho que não a aguento mais, vou fechar a porta para ela, tem de ser assim”), e quando a consciência por fim o assume, ainda lhe resta um bom caminho a percorrer antes de ser verbalizado e exposto à pessoa que sofrerá o abandono e que não suspeita dele nem o prefigura — porque tampouco nós, os abandonadores, o fazemos, enganosos, covardes, dilatatórios, morosos, pretendemos coisas impossíveis: eludir a culpa, evitar o dano —, e a quem caberá enlanguescer incredulamente por ele e quem sabe morrer em sua palidez.